

ALTERIDADE, DIALOGISMO E POLIFONIA

Dizer ao outro no já-dito: interferências de alteridades – interlocutiva e interdiscursiva – no coração do dizer¹

*To say the other the already-said:
interferences among interlocutive and interdiscursive alterities
– in the heart of the said*

Jacqueline Authier-Revuz

Université Sorbonne-Nouvelle – SYLED – Paris 3



RESUMO – Opondo-se às descrições que tratam os aspectos interlocutivo e interdiscursivo da linguagem separadamente, este estudo tem por objetivo mostrar que o fato enunciativo apresenta heterogeneidades que articulam, no dizer do um, o outro a quem ele se dirige e o outro do já-dito. Para tanto, fundamentando-se no dialogismo de Bakhtin, traz para a discussão uma alteridade discursiva que se estabelece em dois planos solidários: o da alteridade representada por formas observáveis na linguagem e o da alteridade constitutiva, apontando para a relação com o outro que o dizer produz.

Palavras-chave: Alteridade; interlocução; interdiscursividade; heterogeneidade representada; heterogeneidade constitutiva

ABSTRACT – Opposing to descriptions that deal separately with interlocutive and interdiscursive aspects of language, this study aims at showing that enunciative facts present heterogeneities that articulates, in a subject's saying, the other to whom she addresses herself and the other of the already-said. On the basis of Bakhtin's dialogism, the paper proposes to discuss discursive alterity as established in two solidary plans: alterity represented for forms observable in language and constitutive alterity, pointing to the relationship with the other that saying produces.

Keywords: Alterity; interlocution; interdiscursivity; represented heterogeneity; constituent heterogeneity

A problemática deste colóquio² convida a pensar juntos os dois aspectos – interlocutivo e interdiscursivo – do funcionamento linguageiro que as descrições tenderam a instituir – de modo frutífero, mas separado – em dois domínios que, por tendência, se ignoram.

De um lado, o universo da “bolha dialogal”, com seus mecanismos de interação linguageira pela análise conversacional, garantindo, na alternância das falas, em contato, a co-construção de um fio feito a dois³ que aparece como relativa a uma *funcionalidade interna* – incluída nesse espaço de palavras factualmente trocadas pelos participantes na troca – é, por tendência, pouco olhada na sua dependência de uma exterioridade interdiscursiva. Ao inverso, a centralização nas relações intertextuais de

um texto com outro de outros textos (principalmente no campo literário), ou nas relações de determinação de um discurso (principalmente político, ideológico, no quadro da análise do discurso chamada “francesa”) pelo *outro do interdiscurso*, no qual e pelo qual ele se produz, dá, por tendência, pouco lugar ao lado interlocutivo do diálogo ou do “endereço”.

¹ Tradução: Leci Borges Barbisan – PUCRS.

² “Polifonia e intertextualidade no diálogo”, colóquios IADA, Barcelona, 15-18 de setembro de 2009.

³ Turnos de fala, “troca” no sentido de encadeamento de réplicas, duplas perguntas/respostas, retomadas “diafônicas”, sequências “ecos”, estratégias relativas às posições e “faces” dos interlocutores, etc.

Aquém de trabalhos que esclarecem, de modo pertinente, num discurso dado⁴, aspectos de incidência conjunta dessas duas dimensões interlocutivas – realizada na forma concreta do “dialogal” ou mais amplamente no dizer dirigido e recebido – e interdiscursivo, é em um plano geral⁵, o do *fato enunciativo*, posto como *fundamentalmente atravessado por heterogeneidades*, que é vista nas observações que seguem, mais descritivas do que verdadeiramente teóricas, a questão da articulação no coração do dizer do um, do outro-a-quem-ele-se-dirige com outro do já-dito. Antes de percorrer (em 2 e 3) uma variedade de formas sob as quais se manifesta a interferência desses dois heterogêneos – formas marcadas ou não, que se relacionam com o auto ou o hetero-comentário – lembraremos (em 1) alguns pontos dessa abordagem “heterogeneizante” da enunciação.

1 Heterogeneidade enunciativa: vários eixos – interlocutivo, interdiscursivo, ... – e dois planos – constitutivo/representado⁶

Se, no que segue, vamos nos deter nos dois eixos de heterogeneização do dizer por sua inscrição na interlocução e no interdiscurso, chegando ao que Bakhtin apreende como (duplo) “dialogismo”, importa lembrar que esses heterogêneos, mantendo a relação do dizer com outros dizeres, não são “o todo” das heterogeneidades ou não-coincidências enunciativas: igualmente inerentes ao fato enunciativo são os heterogêneos – não “dialógicos” – que o real da língua aí inscreve, sob seus dois aspectos de sistema acabado abstrato e de corpo substancial de equívocos, respectivamente “falho”, no dizer, de falta de “fazer um” com as coisas na nomeação e de excesso de outras palavras e sentidos que estão em jogo “na” palavra-sentido visado⁷.

Os heterogêneos, em cujo jogo combinado vamos nos deter, devem-se, portanto, ao fato de que o dizer toma forma na sua relação com o dizer outro, apreendido, em termos de “dialogismo”, heterogeneidade, não-coincidência:

- *interdiscursiva*, de um lado, com a exterioridade do meio do já-dito dos outros discursos,
- *interlocutiva*, de outro lado, com esse outro dizer específico de – ou emprestado a – aquele a quem alguém se dirige.

Essa relação do dizer com uma alteridade discursiva se estabelece em dois planos, solidários mas distintos:

- aquele de uma alteridade *representada* pela qual o dizer, reflexivamente, pelas formas observáveis, dá lugar nele mesmo a emergências desses dois outros, do interdiscurso e da interlocução, como, respectivamente:

como diz l...o que l chama..., no sentido de l... [l remetendo a toda fonte discursiva distinta de eu e de tu: ele, se [on]⁸, a imprensa, os médicos, as mulheres,...] como tu dizes, o que você chamaria, perdoe-me a expressão...

- aquele de uma alteridade *constitutiva*, no sentido em que é nessa e dessa relação com o outro que o dizer se produz, fundamentalmente constituído, “fato” pelo e com o outro.

Contrariamente às formas dos heterogêneos apresentados que se relacionam com a observação linguística, o fato dos heterogêneos constitutivos supõe o apoio a teorias da linguagem, do sentido, do sujeito – que excedem a linguística.

1.1 A heterogeneidade interdiscursiva

Para a heterogeneidade interdiscursiva, duas referências se impõem que, com diferenças sensíveis, no que diz respeito principalmente ao “sujeito” que elas fazem representar, se encontram para introduzir a *anterioridade em todo dizer* do real de uma discursividade que, ao modo de uma exterioridade que age, constitutiva de seu interior, restringe-o, condiciona-o, alimenta-o ao mesmo tempo que o envia – ou descentra-o – para fora dele mesmo.

Para Bakhtin, o meio do já-dito é o produto da história que estratificou e saturou a língua, de tal modo que

Como resultado do trabalho de todas essas forças estratificantes, a linguagem não conserva mais formas ou palavras neutras “que não pertencem a ninguém”. [...] Cada palavra remete a seu contexto ou a vários nos quais ela viveu sua existência socialmente básica. [(1978, p. 114)]

⁴ Tais como o destaque da dimensão de endereço na análise do “discurso comunista dirigido aos cristãos” por Courtine (1981), ou a impregnação do interdiscurso no jogo polilocal estudado por F. Sitri (2003).

⁵ Como fazem Brès e Nowalowska (2008), no quadro praxemático, e em referência ao “duplo dialogismo” bakhtiniano, tratando das especificidades interlocutivas e/ou interdiscursivas de um conjunto de “marcadores dialógicos”.

⁶ Remeto, para o estudo das heterogeneidades enunciativas, ao estudo iniciado em Authier-Revuz (1982-b), (1984), e visto, por exemplo, sob o ângulo literário em Authier-Revuz (2007).

⁷ Esses dois eixos de heterogeneidade – o da “não-coincidência das palavras com as coisas”, que inscreve a irredutível “distância” na nomeação de um real infinito, contínuo, singular, por exemplo, acabado de unidades discretas, abstratas; aquele da “não-coincidência das palavras com elas mesmas”, abrindo toda palavra para a profusão da polissemia, homonímia, paronímia, paragramatismo, etc... – são vistas em Authier-Revuz (1995), semelhante aos heterogêneos “dialógicos”, no duplo plano de seu funcionamento constitutivo da enunciação e representado nesta (cf., por exemplo, respectivamente: *por assim dizer, se é que a palavra convém, é/não é a palavra, etc... e em todos os sentidos da palavra, não no sentido próprio, é o caso de dizer, etc...*).

⁸ Em francês, “on” é pronome indefinido de terceira pessoa, correspondente em português a “se”, “a gente” [NT].

O pensamento “dialógico” do dizer é o de um *movimento*, o do

discurso [que] encontra o discurso do outro em todos os caminhos que levam a seu objeto, e ele não pode não entrar com ele em interação viva e intensa. [in Todorov (1981, p. 98), destaque meu]

A figura, cara a Bakhtin, do “Adão mítico que aborda com o primeiro discurso um mundo virgem e ainda não dito”, está aí para lembrar que, fora o mito, é em *todo dizer* que ressoa esse exterior:

O autor (o locutor) tem seus direitos inalienáveis sobre o discurso, mas [...] o têm também aqueles cujas vozes ressoam nas palavras encontradas pelo autor (já que *não existem palavras que não sejam de alguém*) [...] O discurso [...] se representa *fora* do autor, [...]. [in Todorov (1981, p. 83), destaque meu]

Com Pêcheux⁹, na trilha da “ordem do discurso” de Foucault e da teoria althusseriana das ideologias, o pensamento da exteriorização interna do dizer é acompanhado por uma preocupação operatória, metodológica (tratamento de corpus) e conceitual (interdiscurso/intradiscurso, “marcas” do primeiro no segundo, preconstruído, discurso transversal, ...) e se inscreve na perspectiva – diferente da de Bakhtin – de um “interdiscurso no princípio do discurso”, em uma relação de determinação que, por trás das ilusões de um “eu falo” faz representar um “isso fala” sempre “em outro lugar, antes e independentemente”¹⁰ que, irrepresentável para o sujeito, o retira de sua intencionalidade soberana.

Poderíamos multiplicar as referências – de natureza filosófica, literária, psicanalítica, ... – que alimentam esse pensamento de um dizer não “self-contained”, e de um sujeito despossuído, em outro lugar discursivo, de seu domínio sobre palavras nunca plenamente dele: tais como Flaubert e sua vertigem do Livro “inteiramente copiado”, o horror de Nietzsche pela “doença da linguagem” que é seu “gregarismo”, a palavra “não individualizada” de Deleuze, Barthes e sua constatação do “tudo é citacional”, ou ainda a “não-pertença fundamental da linguagem”, cuja exploração, literária e psicanalítica, leva M. Schneider (1985) em *Ladrões de palavras* a enfatizar a dimensão subjetiva de não posse que inscreve em cada um, a própria entrada na linguagem

Não há língua inata. A língua materna é dada, recebida [...].

[...] aquela que lhe ensinava a língua lhe ensinava primeiramente a sua: o tempo de entrada na fala [foi ao mesmo tempo] captura nas palavras da mãe. [Schneider (1985, p.185, 298)]

O que, em sua diversidade, reúne essas abordagens, é que o dado, e o empreendimento, de uma discursividade exterior, anterior, outra, é posta como uma *lei da linguagem*, uma *condição de existência* do dizer e do sentido. Por trás da capacidade que o discurso tem de por em cena outras vozes que não a de sua enunciação – o que se relaciona com a representação do discurso outro, quer esta seja explícita ou dada implicitamente a reconhecer – há a reconhecer a incapacidade para o discurso de não trazer nele, fora de toda intenção ou consciência de fazê-lo, do outro discursivo. É a esse fato de que todo dizer, e incessantemente, *não pode não ser habitado-determinado-dividido-etc.* pela realidade da exterioridade discursiva na qual ele se produz, e se recebe, que remete, como *constitutiva*, a não-coincidência do discurso com ele próprio (ou sua heterogeneidade discursiva constitutiva).

Pelo fato de que todas as nossas palavras são “de empréstimo”, que dizer é incessantemente “dizer como” outros, a essa heterogeneidade constitutiva, sobre a qual o sujeito falante não tem poder e que, condição do dizer, é irrepresentável a ele, respondem, portadoras de um desconhecimento salutar, as formas de *representação* que, ao contrário, atribuem, circunscrito, *um lugar* num discurso para os outros que ele reconhece nele: traçando uma fronteira entre o um e “seus” outros, desenhando, assim, um contorno próprio, essas formas que dizem o outro, relacionam-se com um trabalho de *configuração* de si, pelo discurso, por diferenciação com esses exteriores localizados – configuração de um “interior” a si, narcisicamente vital, como proteção, como tela contra a ameaça para o sujeito de se deteriorar no real da exteriorização generalizada de sua palavra.

Não se pode não utilizar essa distinção entre o constitutivo e o representado: nesse quadro, a oposição “discurso dialógico vs monológico” só pode receber sentido como formulação (perigosamente!) abreviada de “discurso de *representação* dialógica/monológica deles próprios”; ou, se quisermos, que se “configuram” como dialógica ou monológica. Se, seguindo-se Bakhtin, se considera que nenhum discurso – passada a primeira palavra do mítico Adão – pode se subtrair à lei do dialogismo interdiscursivo “constitutivo”, falar de “discursos dialógicos/monológicos”, salvo para especificar que se situa, implicitamente, no plano do representado, aparece, respectivamente pleonástico/contraditório.¹¹

⁹ Cf. coleta de textos e apresentação proposta por D. Mالدیدیر (1990) sob o título “A inquietude do discurso”.

¹⁰ (Pêcheux, 1975, p.147).

¹¹ É pela oposição e pela articulação do representado e do constitutivo que se pode responder à pergunta de J. Brès (in Detrie et al. (2001, p.88): “Opusemos enunciado dialógico e enunciado monológico. Esse último tipo existe de fato? Há enunciados que não murmuram outras vozes a não ser a do sujeito enunciadador?”

1.2 A heterogeneidade interlocutiva

A mesma oposição constitutivo/representado atravessa o campo interlocutivo, com clivagens agudas concernentes à concepção do sujeito (principalmente a seu “descentramento” pelo inconsciente freudiano).

Não entrarei na rica tradição que, desde a retórica antiga até as concepções contemporâneas da enunciação, recusam – bem antes que ele seja formulado como tal – o “modelo telegráfico” da mensagem pronta pelo emissor, independentemente do receptor ao qual ele a transmite. Opõe-se a essa concepção, a do dizer como fundamentalmente *direcionada*, repousando sobre duas asserções:

- (1) *não há discurso que não seja endereçado*. A dimensão do endereço encarna-se certamente de modo diferente segundo as condições concretas do dizer – do diálogo ao jornal íntimo¹² – mas ela é inerente ao dizer; o dizer “não endereçado” é ficção.
- (2) O dizer do um é, de modo constitutivo, *determinado*, atravessado, penetrado *pelo pensamento do dizer do outro* – destinatário. Para o círculo de Bakhtin, é pelo mecanismo, inerente ao dizer, de antecipação da “compreensão responsiva” do destinatário que passa esse segundo eixo – interlocutivo – do dialogismo:

Todo discurso é dirigido para uma resposta e não pode escapar à influência profunda do discurso réplica previsto. [...] O locutor procura orientar seu discurso [...] para a perspectiva daquele que compreende, e entrar em relações dialógicas com alguns de seus aspectos. Ele se introduz na perspectiva estrangeira de seu interlocutor, constroi seu enunciado em um território estrangeiro, sobre o fundo perceptivo de seu interlocutor [Bakhtin, 1978, p. 103, 105].

o que a formulação radical resume:

a palavra é um ato bilateral: ela é determinada – de modo igual – por aquele do qual ela é a palavra e por aquele para quem essa palavra é significada. [(Voloshinov, 1929)]

Desse pensamento de uma “co-enunciação” em ação no dizer emitido pelo um, nos contentaremos¹³, quase ludicamente, com marcar a constância através da cadeia dos aforismos que instauram o compartilhamento da palavra entre esses dois polos da interlocução, daquele de Montaigne

A palavra é metade daquele que fala, metade daquele que ouve [Essais III. 13]

ao jogo das variações – contestadoras – sobre “o estilo é o homem”, de Voloshinov a Lacan

“o estilo é o homem”; mas pode-se dizer que o estilo é, pelo menos, dois homens. [Voloshinov (1962), *in* Todorov (1981, p. 212)]

“O estilo é o próprio homem” repete-se sem ver malícia nisso [...]. O estilo é o homem, aliaremos-nos à fórmula para prolongá-la apenas: o homem a quem nos dirigimos? Seria simplesmente satisfazer a esse princípio por nós promovido que em nossa linguagem nossa mensagem nos vem do Outro, e para enunciá-la até o fim: sob uma forma invertida.¹⁴ [Lacan, 1966, p. 9]

ao qual se acrescentará a formulação colhida em Barthes:

O homem falante [...] fala a escuta que ele imagina para sua própria palavra [(1978, p. 10)]

desembocando num paradoxal “A escuta fala” (1982, p. 223), contrapartida do “isso fala” do interdiscurso evocado acima no questionamento do “eu”, fonte soberana do dizer.

É claro que, como no aspecto interdiscursivo, importa distinguir no aspecto interlocutivo o plano do heterogêneo (dialogismo) que afeta, constitutivamente, o dizer, entregando-o, retirado do lugar único de sua emissão, a um compartilhamento não dominado entre seus dois polos, e o heterogêneo (dialogismo) representado, protegendo o sujeito do real do primeiro onde arriscaria vacilar sua palavra. Aquele, observável, faz a parte do outro interlocutor em pontos que, emergências no fio do dizer do compartilhamento constitutivo entre o um e o outro que lhe subjaz, são, solidariamente, a máscara – pelo fato de que, circunscrevendo a incidência do outro, elas garantem, quanto ao que lhes é o complementar no dizer, a ilusão de deter só o *um*.

¹² Cf.: “[...] os discursos mais íntimos [‘interiores’] são, também eles, em parte dialógicos, [...] atravessados pelas avaliações de um ouvinte virtual [...]” [Voloshinov, *in* Todorov (1981, p.234)], ao qual faz eco Jakobson, que coloca que “o diálogo subjaz até mesmo ao discurso interior” [(1963), p. 32].

¹³ sem entrar nas diferenças ou clivagens radicais que se representam, quanto à natureza da “comunicação” instaurada: estabelecida (nem que seja com enganos) entre sujeitos em condições de “calcular” a interação, ou então afirmada pelo imaginário de uma troca que repousa sobre o mal-entendido entre dois sujeitos, irreduzíveis um ao outro, e que escapam a qualquer “cálculo” pelo fato de seu inconsciente. Eu remeto, sobre isso, a Authier-Revuz (1995), capítulo 5.1.2. “Clivages théoriques dans la saisie du ‘deux’ de l’interlocution”.

¹⁴ Cf também: “[...] a palavra inclui sempre subjetivamente sua resposta” (p. 258); ou: “[...] nenhuma verdadeira palavra é somente palavra do sujeito, já que é sempre para fundá-la na mediação de outro sujeito que ela opera [...]” (p. 353).

1.3 Interferências dos dois heterogêneos

Reconheceu-se, pois, para o dizer, uma dupla heterogeneidade enunciativa, produzida pela alteridade discursiva: colocada como condição de existência do dizer no plano constitutivo – não há dizer que não seja atravessado, e constituído, pelo discurso outro do já-dito, de um lado, daquele a quem nos dirigimos, por outro lado – e, no plano representado, como objeto possível de uma representação reflexiva em pontos do dizer – os dizeres podem (se) dar a reconhecer os encontros que eles fazem com os dizeres outros, no caminho, próprio deles, de sua progressão.

É uma das forças do pensamento bakhtiniano a de ter distinguido e *conjugado*, explicitamente, os dois “dialogismos” – interdiscursivo e interlocutivo – inerentes ao dizer:

Constituindo-se na atmosfera do “já-dito”, o discurso é determinado *ao mesmo tempo* pela réplica não ainda dita, mas solicitada e já prevista. É assim em todo diálogo vivo. [...] A relação dialógica à palavra de outro no objeto, e à palavra de outro na resposta antecipada do interlocutor, sendo essencialmente *diferentes* [...], podem, no entanto, entrelaçar-se muito estreitamente [...]. [Bakhtin, 1978, p. 103, 105], destaque meu].

para chegar à metáfora de um discurso “drama que comporta três papéis” – locutor, ouvinte e voz do já-dito, ressoando nas palavras – “não um duo, mas um trio”.¹⁵

Para além da constatação dessa incidência conjunta dos dois heterogêneos sobre o dizer, somos conduzidos a nos interrogar sobre o como desse “ao mesmo tempo”, sobre as modalidades segundo as quais, ele se realiza – interferências, pontos de articulação, mecanismos de incidência recíproca,... Que incidência tem o endereço interlocutivo sobre o caminho do dizer no já-dito? Como, ao inverso, a exterioridade do dito vem jogar na relação interlocutiva? É possível pensar um dos dois heterogêneos – e dar conta dele num discurso – independentemente do outro?

Meu propósito, nesse campo imenso e de temível complexidade visa apenas fazer aparecer alguns lugares de interferências, algumas configurações de cruzamento ou de ligação dos dois heterogêneos, tais como se pode observá-los, no plano específico do meta-dizer¹⁶ dos heterogêneos representados. Através da variedade de formas que representam um dos dois – interlocutivo ou interdiscursivo – onde, no jogo (explícito inicialmente (2.), pouco ou não marcado depois (3.)) de uma das duas alteridades, impõe-se a dimensão do outro, se desenharem algumas das figuras dos “entrelaçamentos” dos dialogismos evocados por Bakhtin – exteriorizando, no interdiscurso, o dialogismo interlocutivo, e, intersubjetivamente, no diálogo, o dialogismo interdiscursivo.

2 Dois heterogêneos: o um representado, convocando o outro

2.1 Por trás da interlocução, representada, o interdiscurso

No conjunto das formas – do tipo *como você diz* – de emergência representada do dialogismo interlocutivo, podemos distinguir entre

- aquelas que se inscrevem *no interior da troca dialógica*: quer elas se refiram a um *já-dito imediato*, do tipo “como você acaba de dizer” (retomadas ecos, polêmicas ou em uníssono, reempregos com tonalidades as mais diversas que acompanham as passagens de fala nas conversações privadas, nos debates televisivos. Nas reportagens esportivas em “duo”, nos diálogos de Marivaux, etc.¹⁷) ou em um *já-dito mais distante* no desenrolar da troca, como “como você disse ao começar, como você dizia há pouco, na sua última carta” (manifestando, por uma memória estendida da troca, uma atenção sustentada, própria particularmente dos debates de fundo – teóricos, políticos, ... – e nas trocas epistolares¹⁸), elas remetem, na base de uma *memória co-construída na troca*, da ordem do registro desta, a um *já-dito interno* à interlocução, que se pode chamar intradiscursivo. O exterior interdiscursivo só é aí solicitado, constitutivamente, em todo elemento do dizer.
- aquelas, em compensação, que se conduzem a um *como (eu sei) que você diz em outro lugar que não em nossa troca*”, convocam nessa troca a *memória interdiscursiva*, constituída, no exterior da troca, no meio do *já-dito* dos outros discursos, e, especificamente, o que o enunciador lhe empresta, com conhecimento de causa ou por hipótese, a seu interlocutor. As duas dimensões “de alteração” do dizer do um – interlocutiva: falar em função daquele a quem nos dirigimos; interdiscursiva: falar em função do meio do *já-dito* no qual se fala, isto é, da memória depositada em si – articulam-se, então, nesses pontos em que o dizer se põe em cena, como se fazendo em função do *outro do já-dito emprestado hic et nunc ao interlocutor*.

¹⁵ Bakhtin (1979), citado na tradução de Todorov (1981, p. 83).

¹⁶ O do enunciador retornando ao seu dizer, ou do interlocutor sobre o dizer do outro.

¹⁷ Por exemplo: *Jornalista*: sua vida, suas obras... foi a primeira que, sem dúvida, contribuiu mais para a sua imagem. R. Debray *O que você tem a gentileza de chamar minha obras* estão todas na contramão, portanto, não podem ter eco. [Entrevista R. Debray. *Le Matin*, 28-11-1986. Destaque meu.]

¹⁸ Por exemplo: *exposição de um chefe de projeto*: [...] é o cenário que permite ver um *tronco comum* às duas infra-estruturas. [uma dezena de trocas com a sala: 6 páginas de PV] *interlocutor da sala*: [...] havia uma opção [...] que propunha justamente o que você chamou há pouco na apresentação “a parte tronco comum” [...]. [PV de reunião, 26-10-2003. Destaque meu]

Essa abertura do dialogismo interlocutivo sobre o exterior interdiscursivo¹⁹ passa por dois caminhos através dos quais se desenha a imagem que L (enunciador) se faz do outro discursivo de R (interlocutor/co-enunciador):

A₁ – *Tomo emprestadas palavras que eu penso (sei, creio, presumo,...) serem as suas.*

Suas formas usuais:

como você tem o hábito (o costume) de dizer; como você gosta de dizer; como você diz frequentemente; o que você sempre chama; o que lhe agrada chamar; o que você chamaria, etc.

trazem o mesmo leque de relações ao dizer do interlocutor, das mais irônicas às mais agonais, que as respostas inscritas na troca – essas nuances carregando-se aqui daquilo que o empréstimo feito a palavras do outro que, na troca, manifesta com isso um *conhecimento* do interlocutor, exterior ou anterior à troca em curso.

Assim, nos enunciados seguintes, a afirmação desse saber sobre a palavra do outro, excedendo o que, na troca, aquele dá a entender, tinge-se pelo afetuoso paternalismo de um avô para o “falar jovem” de seu neto (1), de uma cumplicidade sorridente em relação a fantasias de vocabulário de um próximo (2), do leve desdém que, pela falsa procura de uma palavra do interlocutor, alpinista, uma senhora idosa associa ao léxico técnico deste (3), ou de um enfrentamento político-ideológico radical (4):

- (1) Tu és um rapaz gentil, meu pequeno Patrice. Um rapaz... bem. Mas tu verás, não é evidente, não, tudo isso, para empregar o vocabulário de vocês. [C. Sarraute, *Allo, Lolotte, c'est moi, Coco*, p. 33] [avô falando do envelhecimento para seu neto].
- (2) É uma casa bem agradável: muitas pecinhas, corredores, escadas, cheia de, tu dirias cubículos, mas não é desagradável. [Conv., maio, 1984]
- (3) Era cheio desses, como você diz mesmo/“mousquetons” pendurados por toda parte na cintura. [Conv., julho 1982; “mousqueton”: anel metálico utilizado pelos alpinistas para garantir a ascensão]
- (4) Todo mundo se desconsola, evidentemente, mas é o resultado direto do que você chama, eu imagino, os “progressos do negócio”... [discussão a respeito de suicídios repetidos de assalariados em uma empresa, conv. 05-10-2009]

Certos gêneros recorrem, de modo privilegiado, a essa figura, cruzando interlocução e interdiscurso em um como eu sei (por aí) que você diz”. É o caso, por

exemplo, da entrevista midiática entre um jornalista e uma personalidade – escritor, político –:

- (5) *B.H.L.*: É a isso que remonta sua aversão à “pequena burguesia”, como você diz tão frequentemente em seus livros? [Afirmações recolhidas por B.H. Lévy, jan. 1977, in Barthes *Le grain de la voix. Entretiens 1962-1980*. Seuil, 1981, p. 251]
- (6) Boa noite, o senhor entrou na política por refração, senhor Barre, para retomar uma expressão que é sua, o senhor entrou diretamente como ministro, depois de ter feito carreira, em outro lugar, o senhor permaneceu fazendo-se eleger deputado de Lyon, porque, no momento da derrota, o senhor teria tido, não restando a impressão de desertar, a palavra é também sua. Hoje, a meio-caminho dos sete anos de função do senhor Mitterrand, o senhor continua na política [...] [f. de Virieu, *L'Heure de la vérité*, A2, 5.1.1. 1984]

trata-se, para o enunciador, ao mesmo tempo de acolher o outro “com suas palavras”, para que, como por cortesia, particularmente no início da entrevista (6), ele se sinta “à vontade”, em terreno conhecido, e de se fazer reconhecer pelo convidado como um interlocutor legítimo, informado, com quem o diálogo poderá estabelecer-se.

É também o caso de textos polêmicos, interpelando com “o senhor” os que mantêm uma posição expressa em um vasto conjunto discursivo, tal como essa longa “carta aberta”, dirigida aos “Senhores psicanalistas” (lacanianos) por uma “co-irmã”:

- (7) [...] não é fazer a mulher suportar o que você chama “a ferida do sujeito”, [...]. [...] perguntar-lhe se seu não-assumir a castração simbólica – para retomar suas palavras – não leva você [...] [L. Irigaray, in *Misère de la psychanalyse*, 1977]
- (8) Os antígenos que correspondem à “placa mineralógica” do sistema imunológico de cada indivíduo. [*Science et Vie*, n. 762, p. 51]
- (9) [...] na superfície do vídeo-disco, uma sucessão de “montanhas” finas ou espalhadas e de “vales” encaixados ou alargados na extremidade. [*Science et Vie*, n. 410, p.12]

¹⁹ A oposição entre *como você acaba de dizer/ como você tem o costume de dizer* é visto em Authier-Revuz (1995), cap. 5.2.2.2.1 e 2.2.2.2) em termos de dialogismo interlocutivo “imediatos vs amplos”: creio preferível insistir na representação de um *fechamento* intradiscursivo da interlocução vs de sua *abertura* sobre o interdiscurso.

²⁰ Cf. Authier (1982a).

Em todos esses casos, qualquer que seja a coloração intersubjetiva e a função discursiva desses empréstimos marcados, o que eles anunciam é:

- (10) Se eu falasse a um outro ego, eu não diria essa palavra.

e o lugar onde se experimenta essa diferença do *tu* para o *eu* é o da exterioridade interdiscursiva – o dito outro que não na troca interlocutiva – tal como, em sua memória, o *eu* aí situa o *tu*.

B₁ – *Eu digo palavras que não são as suas.*

Como no caso anterior, a figura, inversa, “*como (eu sei que) você não diz*” representa o dizer como função do dizer do interlocutor, em outro lugar que não na troca, como pondo em ação, desde a memória interdiscursiva de L, uma imagem do já-dito do qual, desta vez, ele se distancia explicitamente.

Essa figura se realiza via:

– a combinação de *o senhor* e de uma negação, como em

- (11) Se tu preferires, mas então, caímos na conotação religiosa... como o senhor não diria, caro colega, já que o senhor reprovaria o uso desse termo! [Oral, fevereiro 80] [contexto universitário, redação de um texto em uma reunião]
- (12) Sim, mas ele, ele é mesmo assim, mais, eu direi mesmo, apesar de tudo o que eu sei muito bem o que tu pensas, normal, equilibrado, enfim. [Convers., 7-6-1984]
- (13) D.E.: Se eu entendo bem, o sono interior, o boicote das idéias que se formam no senhor faz parte de seu método. Eu sei bem que o senhor não gosta de empregar a palavra método. No entanto... [G. Dumézil, *Entretiens avec D. Eribon*, p. 183]

cuja falsa desculpa de (14), brincando agradavelmente com a homonímia entre “coco” nomezinho de amizade e abreviatura de “comunista”, corresponde elipticamente a “como o senhor, muito anticomunista, não se designaria!”:

- (14) Vamos, menininhos, gentis fascistoides zeladores da barra de ferro [...]. Mais um esforço, meus cocos (oh, desculpem!) e vocês terão conseguido se levantar, contra tudo o que vocês pretendem defender, a grande massa despolitizada da gente estudantil. [B. Langlois, *Le Matin*, 28-11-86, p. 8]

– o *nós* exclusivo, forma recorrente do endereço a um interlocutor estranho a um grupo qualquer – região, profissão,... – ao qual pertence L:

- (15) M. Boncoeur (escritor do Berry): [...] eu moro no Berry [...]. Mas eu gostaria de falar desses “curativeiros”, como se diz entre nós, que aplicam às pessoas que vêm consultá-los, um curativo, [...] isto é que simplesmente [...] eles pronunciam uma fórmula euh mágico-religiosa que [...] alivia a pessoa (*Dossier de l'écran: les sorciers d'aujourd'hui*, 27-11-73).

- (16) [...] a nulidade escolar é a proibição de se servir de suas pulsões sublimes orais e anais, como dizemos em nosso jargão, isto é, tomar e dar: tomar elementos, devolver elementos. [...] Então, a menina ou o rapaz, que não sabe ainda quem ele é, se ele é uma moça ou um rapaz, é no momento em que ele vai sabê-lo que ele gostaria [...] de esquecer o que chamamos a castração primária, a saber que se é de um único sexo [...]. [F. Dolto, conferência “público não especializado”, reproduzida in *Tout le langage*. 1987]

É pelo retorno ao fio do texto dos *como dizemos* que, no romance regionalista de G. Sand, *La Petite Fadette*, é lembrada a ficção interlocutiva da narrativa dirigida por um plantador de cânhamo da região a um visitante parisiense. É também a fórmula estereotípica da vulgarização enunciada, não para um mediador da profissão, mas para um especialista, como no exemplo (16).

Em todos os casos, essas formas significam

- (17) Se eu falasse a um alter ego, eu utilizaria essa palavra sem distanciamento, como evidente.

e esse distanciamento, inscrito na troca, é função da imagem que, pela minha memória interdiscursiva, eu me faço de seu já-dito, em outro lugar.

Remeto, em *L'usage de la parole*, de N. Sarraute, à nova “Esthétique”²¹, inteiramente dedicada ao “pequeno drama” das aspás (intonativas) colocadas por um, L, para o outro, R, como – julgada insultante por este – desculpa para o emprego de uma palavra – “estética” – que a imagem que ele tem de R o faz se representar como estranha ao já-dito deste: é sobre a irrupção dessa exterioridade interdiscursiva – tal como a memória de um produz uma imagem, que recusa o outro – que vem quebrar a ilusão de comunhão contida na troca fática de proposições anódinas.

2.2 Por trás do interdiscurso representado, o endereço interlocutivo

Além do trabalho “configurativo” de produção de uma imagem de si, por diferenciação dos outros-do-interdiscurso representados, que é, como a integralidade do dizer, constitutivamente direcionado, isto é, atravessado pelo alvo interlocutivo, formas relacionadas

²¹ Gallimard, folio, 1980; cf. Authier-Revuz (1995, p. 207-209).

com o “como diz Ext²²” aparecem como o elo mais estreito das duas dimensões de alteridade interdiscursiva e de endereço interlocutivo. Paralelas às figuras (A₁, B₁) evocadas acima – em que no *senhor* “interlocutivo” é a imagem interdiscursiva que faz o *eu* que é posta em jogo – duas configurações se apresentam onde, crucialmente, na encenação do interdiscurso é o interlocutor que se desenha.

A₂ – Como diz Ext (em que Ext inclui R)

Pelo desvio interpretativo de uma categorização – interdiscursiva – à qual R é convidado, às vezes ironicamente, a reconhecer sua pertença, como em

- (18) Eu a fiz, há dois anos, é uma caminhada esplêndida, mas ...droga, caro senhor, como se diz entre os aficionados do “graton” e da “pointe avant”. [dirigido a um alpinista fervoroso, conversaço 13-07-2009]²³

em que o “como diz Ext” junta-se a *como (eu sei que) o senhor diz* de A₁, em uma variante da fórmula (10): “se eu falasse a um *alter ego*, eu não diria essa palavra *outro lugar*, que é também a sua”.

O estudo genético de *Madame Bovary* ilustra ao mesmo tempo a proximidade e a diferença entre essas duas formas de remissão, direta e indireta ao interlocutor; reunidos em torno do corpo de Emma, após seu suicídio, as duas encarnações da “Bêlise” que são, um na sua nulidade devota, o outro em seu positivismo satisfeito, o abade Bournisien e o farmacêutico anticlerical Homais não vão tardar – antes de se engalfinhar – a “povoar” o silêncio da vigília mortuária, com a continuação de suas habituais hostilidades:

- (19) o apoticário, a que o silêncio pesava, não tardou em formular algumas lamentações sobre “essa infeliz jovem mulher”; e o padre respondeu que só restava agora rezar por ela.
- Entretanto, retomou Homais, de duas coisas uma: ou ela morreu em estado de graça (como se exprime a Igreja), e então ela não tem necessidade de nossas preces; ou ela morreu impenitente (é, creio eu, a expressão eclesiástica) e então... [G. Flaubert, *Madame Bovary*, parte 3, IX]

A comparação com um primeiro estado:

- (19’) [...] ou ela morreu em estado de graça como vocês dizem, e então ela [...] [Man. G223(6)]

faz aparecer a dupla ocorrência de remissão a um exterior (igreja, eclesiástica), incluindo R, no texto final, como

resultado de um trabalho estilístico que reforça a pesada zombaria de Homais que consiste – na estratégia de trazer a contradição para o terreno do adversário em suas próprias palavras – em não se deter nas palavras do homem (“você”), mas em recorrer às da autoridade que ele invoca.

B₂ – Como diz Ext (em que Ext exclui R)

Muito frequente, essa figura encontra, pelo desvio interpretativo da remissão a um *outro lugar* interdiscursivo, o “como você não diz” de B1 que explicita a não-coincidência interlocutiva:

- (20) Não, é diferente, isso é uma “licitação”, em jargão de notário, é preciso [...] [notário para os clientes, março 2008]
- (21) Para mim, é a nova forma tomada, atualmente, por aquilo que alguns insistem em chamar “a luta das classes” até mesmo se tornou-se um palavrão, e alavanca ... [conv. privada 12-10-2000]

A posição de L, relativamente ao Exterior de que, interpretativamente, ele exclui R, relaciona-se como acima, ou de sua inclusão – no qual caso, a “terceira pessoa” de Ext toma na interlocução o valor de um nós exclusivo, ligando (15), (16) – ou do estatuto que se observa maciçamente, por exemplo, na vulgarização científica quando ela é enunciada. Não por um especialista (contrariamente a (16)), mas por um mediador entre Ext e R, porta-voz legítimo de um Ext do qual ele não faz parte: cf. os “como dizem os cientistas, o que os especialistas chamam...”.

3 O risco interlocutivo do interdiscurso não marcado

À falta de representação reflexiva pelo enunciador de um ou de outro dos heterogêneos, é um espaço de risco que se abre para o dizer em pontos em que se unem – sem apoio de uma marcação metaenunciativa – os dois heterogêneos nos quais ele se produz: risco que – escolhido pelo enunciador para seu dizer (1) ou sofrido pelo enunciador no seu dizer (2) – se deve à conjunção interlocutiva, em um ponto, de duas memórias interdiscursivas distintas.

3.1 O interdiscurso não marcado: um risco interlocutivo escolhido pelo L

Escolher um risco interdiscursivo na interlocução é, para o enunciador, fazer passar, intencionalmente, seu dizer pela exterioridade interdiscursiva de um empréstimo não explicitado como tal – uma “alusão” – oferecido,

²² Ext para “exterior”, remetendo a qualquer tipo de fonte discursiva, individual ou coletiva, distinta do *eu-tu*.

sem marca, ao reconhecimento do interlocutor, com risco de seu não reconhecimento; essa escolha consiste em inscrever, deliberadamente, o êxito do dizer que está se produzindo, entre L e R, na dependência de outro lugar do já-dito, já que o que é postulado como condição de troca é a comunidade das memórias interdiscursivas, que se encontram para identificar um segmento do dito, trocado *hic et nunc*, como “caído de”, tomado emprestado do exterior do já-dito.

No acaso do compartilhamento interlocutivo de memória interdiscursiva se inscreve a gama mais extensa dos êxitos – com os benefícios da convivência experimentada e dos fracassos, “infelicidades interlocutivas” de tipos diversos que, em forma de acidente ou de dificuldade na troca dialogal, ou a recepção diferenciada, oferecem um terreno privilegiado para a observação da amarração das duas dimensões de alteridade.

Da “infelicidade interlocutiva” que o encontro por R de um fragmento tomado emprestado por L a um outro que ele não reconhece constitui, podem-se distinguir dois tipos, relacionando respectivamente à parada (A) ou ao mal-entendido (B), manifestado na troca, que se realizam segundo graus de intensidade variáveis, indo do verdadeiro acidente de percurso (3.1.1) a formas menos salientes de falha na troca (3.1.2).

3.1.1 Acidentes interlocutivos de um interdiscurso não compartilhado

A_1 – A troca *interrompida por falta de memória compartilhada*.

R “tropeça” no dizer de L sobre um fragmento (não problemático por si mesmo no plano linguístico) ao qual ele não consegue dar sentido, *hic et nunc*, na troca. É de fato em outro lugar interdiscursivo, atualizado por L, que o fragmento tomado de empréstimo recebe, desse contexto exterior, o sentido que lhe permite se inserir no contexto da troca em curso, entrar em ressonância com ele, e fazer sentido: por falta desse desvio pelo exterior interdiscursivo que sua memória não lhe permite fazer, R se encontra diante de uma irrupção incompreensível de um corpo estranho, discursivamente, como uma queda de aerólito no meio de uma paisagem familiarmente compartilhada. É assim no diálogo seguinte, entre dois amigos que investigam um homicídio na alta sociedade otomana, no final do século XIX, um policial turco (A), e um inglês, Bernie (B), que levam a Istambul pesquisas sobre o império otomano:

(22) Bernie sacode as redeas [...]

B – Uma razão suficiente para odiar Shukriye e querer criar-lhe uma armadilha. O que tu sabes de sua mãe

Asma Sultane?

A – Segundo Sybil Hanoum, é uma mulher dotada de grande presença, mas inofensiva.

Bernie faz caretas.

B_1 – Todos os perfumes da Arábia não conseguirão purificar aquele mãozinha.

A_j – Como?

B_k – Shakespeare, MacBeth. [J. White, *Le sceau du sultan*, trad. francesa, 2008.]

em que a incompreensão radical que A_j manifesta diante da incongruidade de B_1 ²⁴ no encadeamento do que precede é facilmente resolvido²⁵ pela referência interdiscursiva de B_k , *Macbeth* sendo conhecido do policial turco, muito culto, mas não de acesso tão imediato em sua memória interdiscursiva quanto na do jovem letrado inglês.

B_1 – *A troca desviada em mal-entendido*

O segundo tipo, tão gravemente infeliz quanto o anterior, consiste, para R, em prosseguir a troca num mal-entendido radical, impedindo seu prosseguimento normal: R “compreende” o que L enuncia, mas retirando-o do desvio pelo exterior interdiscursivo, só através do qual ele faz sentido na troca; R, aqui, não é detido pelo interdiscurso que lhe falta; ele o ignora e se perde... Assim, numa troca polilógica descontraída, entre uma dupla A e B, em férias, e C, um empreendedor da região, a respeito da vida local, é um constrangimento, difícil de dissipar, que instala o divórcio entre as memórias interdiscursivas de B e C:

(23) A – De acordo com o que eu entendi, ele viu grande demais, e depois ele tinha apostado quase tudo num atelier que ele não teve... então, de momento, todos os belos projetos do ano passado caíram por terra!

B_1 – Adeus, terneiro, vaca, porco, ninh/

C_j – Mas... não se tratava absolutamente de criação de animais, era um complexo esportivo que ele queria.

²³ *Graton e pointe avant* (respectivamente: *pequena aspereza da rocha que permite a escalada delicada, e técnica de avanço pelas paredes de gelo com ganchos providos de “pontas na frente”*) relacionam-se ao léxico do alpinismo técnico; à *vache* é uma apelação usual para a montanha de mesmo nome ou para uma via que não apresenta interesse técnico.

²⁴ Cf. Lady MacBeth depois do assassinato do rei: “fica sempre o cheiro de sangue: todos os perfumes da Arábia não adoçariam essa mãozinha”. [MacBeth, v. 1]

²⁵ Contrariamente ao caso do fracasso conversacional sem remédio desse diálogo entre L e R, culturalmente muito afastados, aquele – após o assassinato de uma jovem que viajava com sua mãe num trem – entre uma passageira brilhante, impulsiva e o policial de base, encarregado das primeiras constatações ao qual ela traz seu testemunho:

[23] – [...] Eu ouvi sua mãe se lamentar várias vezes a respeito da janela, mas ela não parecia ter de fato preferência. Era mesmo para aborrecer sua filha. “Ela faz isso justamente para incomodar, porque ela sabe que isso a irrita”.

O brigadeiro Wallace, que manifestamente não era leitor de *Alice no País das Maravilhas*, a encarou com um olhar vazio. [K. Greenwood. *Un train pour Ballarat*, trad. francesa, 2007].

B_k – Sim, eu sei..., era..., eu pensava..., não, desculpa...

A₁ (à C) – E você acha que há uma chance de que seja retomado? Seria uma boa ideia ... [agosto 2008] troca na qual

B_i faz alusão à “fábula do jarro de leite”²⁶ de modo irrefletido, sem levar em contato o fato de que ela se dirige também, além de a seu marido, a um desconhecido dela, C;

C_i situa diretamente sua réplica ao plano do intra-discurso explícito da troca, sem fazer o percurso efetuado por B, pelo exterior interdiscursivo, origem do sentido;

B_k inicia retificações, logo abortadas como mais perigosas ainda para a “face” de C e a troca em curso, e finalmente renuncia, desculpando-se;

A₁ faz um esforço para sair do impasse, ancorando a conversação no plano dos referentes do dizer que está sendo feito, e substituindo com isso C em posição de “aquele que sabe”.

Aqui, o incidente interlocutivo por interdiscurso não compartilhado – vivido por B como “gafe” de sua parte – é o fato de uma situação polilogal entre interlocutores heterogêneos no plano da memória interdiscursiva, em que a convivência A-B na qual se inscreve B espontaneamente, vai junto com a exclusão de C.

Em um caso (A₁), o elemento interdiscursivo *traz problema*, para R, que percebe “com estranheza” sem reconhecer um outro lugar discursivo, no outro (B₁), o elemento interdiscursivo *fato mal-entendido*, entre L e R, que recebe como “UM” o que, para L, toma sentido em outro lugar; além dessas casos salientes de blocagem no decorrer do dizer, esses dois tipos de incidência “infeliz” de um interdiscurso interlocutivamente não compartilhado se inscrevem, de modo silencioso, em faltas, na troca, da ordem do constrangimento (A₂), do fracasso (B₂).

3.1.2 Desequilíbrios interlocutivos de um interdiscurso não compartilhado

A₂ – *A troca crispada por falta de memória compartilhada*

R, aqui, encontra no dizer de L alguma coisa que “não é evidente”, sem que sua memória interdiscursiva consiga responder à questão que isso lhe coloca: sem “tropeçar” no obstáculo, como em (A₁), a troca continua, mas como um mecanismo “falho” nesse ponto. Lá onde os prazeres da convivência são os da troca “fluente” pelo elo de uma memória interdiscursiva comum, é uma gama de sentimentos disfóricos – perplexidade, irritação, exclusão, ... – que emerge nos pontos em que R percebe, no “ajustamento” de duas memórias dessemelhantes, a aspereza de um dito de outro lugar não identifica-

do, sentindo que alguma coisa que lhe é dirigida lhe escapa.

Um caso é o da modalização autonímica de pura marcação tipográfica (aspas, itálico) ou intonativa: não em harmonia com uma glosa que especifique o porquê de seu destaque-da-palavra, ela abre nesse ponto do dizer um vazio interpretativo – impropriedade, metáfora, jogo de palavras, empréstimo ao já-dito, a qual já-dito? – que, não preenchido, põe o interlocutor em falta, como no caso, por exemplo, de:

(24) A língua é um código imperfeito, uma “ferramenta ruim”, porque seus meios mais bem acabados são heterogêneos. [J. Bastuji, *Modèles linguistiques*, v. 2, 1983]

(25) E no entanto, como para me prender, o campo, ontem, se enfeitou com mil graças “assim como nos mais belos dias” O ar era leve; o céu, inefavelmente puro [...]. [A. Gide, *Journal*, 6 de maio de 1940]

(26) As falhas antigas se alargam como precipícios (entre Bogdanov e Zamiatine, entre Gorki e Essenine) e a disjunção entre “o engenheiro das almas”, útil, fiel, retilíneo, e o “homem demais”, parasitário, futuro hooligan, dedicado à dissidência [...]. [F. Gadet & M. Pêcheux, *La langue introuvable*, 1981, p. 90, a respeito da paisagem intelectual da URSS dos anos 20]

onde, por falta da disponibilidade de memória dos já-ditos convocados²⁷ que seria aquela dos leitores muito seletivos aos quais as aspas são dirigidas, a troca é travada nesses pontos do dizer, privados, para R, de sua ancoragem interdiscursiva.

O outro caso, discursivo, é aquele (sem marca linguística discreta como as aspas), experimentado por R, de uma *saliência “de estranheza”* no fio do discurso: da franca discordância à leve perturbação de algo insólito relativamente ao tom, ao registro, ao conteúdo ... a tudo o que “constitui unidade” pelo discurso, a recepção de um heterogêneo no fio do dizer desemboca na hipótese de um dito em outro lugar – de um “sinal de intertexto” diria Riffaterre – sem que a memória interdiscursiva reconheça

²⁶ Cf “Perrette, tendo em cima da cabeça um jarro de leite / bem colocado sobre uma almofada, [...] / contava em seu pensamento / Todo o preço de seu leite, empregando o dinheiro./ Comprava uma centena de ovos, fazia ninhada tripla [...] / a Raposa será bem esperta / Se ela me deixar o suficiente para ter um porco. / [...] / eu terei revendendo-o dinheiro bastante. / e quem me impedirá de por em nosso estábulo, [...] uma vaca e seu terneiro, / Que eu verei saltar no meio do rebanho? / Perrette com isso, salta também, entusiasmada. O leite cai; adeus terneiro, vaca, porco, ninhada [...]” (La Fontaine, *A leiteira e o jarro de leite*, Fábulas, VII, 10))

²⁷ (24): Paul Henry, *Le Mauvais Outil*; langue, sujet, discours, 1977; (traduzido em português com o título de *A ferramenta imperfeita*; língua, sujeito e discurso. Campinas: UNICAMP, 1992 [N.T.])

(25): “A onda estava transparente como nos mais belos dias” (La Fontaine “Le Héron”, *Fables*, VII, 4); (26): expressões de Stalin a respeito da literatura, a primeira proposta por ele, a segunda tirada de um título de Tourgueniev.

e identifique. Assim, em (27) e (28), por exemplo, pode surgir, em uma frase, o irritante enigma de um porquê dessas palavras? O que elas fazem aqui?

- (27) Provavelmente, já que eu não procurava manuscritos, teria eu podido encontrar os mesmos livros em outro lugar, ou fazê-los vir para a biblioteca de minha universidade. Mas durante muito tempo eu me levantava cedo sonhando subir a montanha Sainte Geneviève com Abélard, de ir [...]. [U. Eco, Discurso na outorga de Doutor Honoris Causa da Universidade de Paris 3, em 20-01-89].
- (28) O olhar de Giraudoux vai mais longe: “As Fábulas de La Fontaine são contos, são nossos contos das Mil e Uma Noites” [...] E aí está em duas palavras a chave de La Fontaine, o mais oriental dos clássicos do Ocidente. Seria necessário escrever um livro sobre o Oriente e nós. [...] e descobriríamos com encantamento no seio de nossa cultura um reino inteiro do Oriente. La Fontaine seria o príncipe sutil e displicente [...] e eis que o milagre se realizou: cremos na história que nos contam [...]. E encontramos, sem ficarmos desorientados, todo esse Oriente não deserto de modo algum que adormecia em nós. [C. Roy, *La Conversation des Poètes I*, 1993].

O que vem fazer, em [27], a trivialidade das horas de deitar do orador num discurso acadêmico..., se nessa incongruência não vem responder, desde uma memória interdiscursiva comum, o *incipit* de *A Busca* de Proust, “Durante muito tempo eu me deitava cedo.”, convocado em forma de senha na paisagem cultural francesa? Por que, em (28), “esse Oriente não deserto de modo algum” – mais do que a simples caracterização de um “oriente vivo, povoado, habitado, animado, – se esse insólito elemento dialógico contestador (“absolutamente não) não desperta na memória o já-dito ao qual ele *responde*, opondo à lamentação da tragédia de Racine, “No oriente deserto, no que tornou-se meu aborrecimento”²⁸, a descoberta encantada desse outro oriente “não deserto de modo algum”, em que divertimo-nos muito, que esconde um outro classicismo...

Nesse movimento – A_2 – a alusão aparece ligada como uma falta, cavando no dizer uma chamada a outro lugar, pelo questionamento que aí inscreve a diferença – heterogênea – mas o chamado fica para R em suspenso num espaço interdiscursivo que permanece mudo, e, por falta de que se produza aí a resposta de uma semelhança, a alusão não pode “tomar corpo”, deixando o receptor no desconforto de um dizer atravessado pelas sombras de outro discurso do qual ele percebe a presença, não dita, mas que lhe escapa, incapaz que ele é de dar-lhes consistência – voz e forma.

²⁸ Antiochus, em J. Racine, *Berenice*, v.4.

B_2 – A troca truncada por falta de memória compartilhada

Aqui R recebe o dizer de L como “um”, sem suspeitar do empréstimo ao já-dito, ao qual este, intencionalmente deu lugar: ele passa “ao lado” da exterioridade discursiva posta em jogo no dizer sem a perturbação suscitada pela estranheza percebida no caso A_2 (sem, é claro, que essa oposição seja discreta, o sentimento de estranheza ligada a um trabalho de recepção interpretativa que não tem nada de mecânico).

É o caso, por exemplo, desses enunciados que, sem saliência do já-dito, podem ser recebidos como “um”:

- (29) No dia 16 de março, a direita obteve a vitória, mas ela não conquistou a França. [J.P. Chevènement, Discurso de 20.04.1986, citado em *Libération*, 21-04-1986].
- (30) quando uma mulher atravessa a fronteira do território masculino, a natureza do combate profissional muda. As virtudes que se exige então de uma mulher, pergunta-se quantos homens seriam capazes de mostrá-las. [F. Giroud, *Si je mens...*, 1975].

Esse apagamento do já-dito não desemboca (como em B_1) no mal-entendido de um contrassenso radical, destruidor da troca interlocutiva, mas – aqui ainda sem que a oposição seja discreta – achata, empobrece, nivela o dizer, retirando dele todo o sentido de que esse outro lugar, convocado de propósito, é portador. Ignorando os já-ditos que seu parentesco de esquemas semânticos e rítmicos chama

- (29') A França perdeu uma batalha, mas não perdeu a guerra. [De Gaulle, 1940].
- (30') Pelas virtudes que se exige de uma doméstica, Vossa Excelência conhece muito padrões que sejam dignos de um empregado? [Figaro ao Conde, Beaumarchais, *Le mariage de Figaro*, primeira apresentação 1784 após 6 anos de censura]

o complexo “trio” do dizer se empobrece em duo de L e R: perde-se para R o movimento de dialogismo interdiscursivo que era dirigido e com ele o que o dizer recebe do já-dito que ele prolonga – transfigurando em (29) um balanço eleitoral em declaração marcial, herdeira de De Gaulle, no qual dialogicamente, a Direita ocupa o lugar do invasor, face à Esquerda (onde L se coloca) que ocupa o da resistência legítima e, finalmente, vitoriosa; insuflando, em (30), a uma constatação irônica quanto ao estatuto profissional das mulheres, uma insolência pré-revolucionária na dinâmica da qual a permanência do sexismo faz eco ao antigo regime que vai desaparecer...

3.1.3 Da alusão intencional à alusividade do dizer

Por meio desse sobrevoos, o fato alusivo, do já-dito implicitamente posto em jogo de propósito sem o dizer, aparece – pelas cores da incerteza e do risco de não-coincidência das memórias interdiscursivas engajadas na interlocução – como uma configuração saliente de articulação solidária dos dois dialogismos.

Esse tipo de elo das dimensões de alteridade do endereço e do já-dito, que atravessam o dizer, é evidentemente privilegiado pelas práticas discursivas que, apelando para ele, confortam e afirmam um elo de pertença a uma comunidade: as de um pequeno grupo pelo recurso a alusões hiper-seletivas, ou a da mais ampla comunidade nacional nos gêneros publicitários ou jornalísticos (slogans ou títulos) buscando plenamente no mais afastado já-dito – do patrimônio dos provérbios à espuma das pequenas frases ou canções do momento.

No jogo solidariamente interlocutivo e interdiscursivo da alusão, observa-se que a forma textual da nota²⁹ oferece, regularmente, nos escritos que visam a um público heterogêneo, a fonte de sua dualidade espacial: o corpo do texto oferece sua alusão à convivência de um compartilhamento de memórias, enquanto que a nota “repatriando” a exterioridade do já-dito, representado, no intradiscorso, dirige-se a um segundo círculo de leitores dos quais ela evita a exclusão:

- (31) O horizonte da utopia do *reich* [...] se estabelece muito bem imposto como “insuperável”. Ela se enuncia em poucas palavras: sem mais nenhuma proibição” / 8. O adjetivo “insuperável” faz evidentemente referência à famosa frase de Jean-Paul Sartre: “Eu considero o marxismo como a insuperável filosofia de nosso tempo” (*Critique de la raison dialectique*. Gallimard, 1950) [J.C. Guillebaud, *La tyrannie du plaisir*. Seuil, 1998, p. 70]

Além do papel lúdico do já-dito dado a reconhecer e dos efeitos de convivência-pertença/exclusão à qual deu lugar, viu-se que é o *sentido* do dizer que – independentemente dos casos em que ele é bloqueado (A₁) ou “desviado” para um contra-sentido (B₁) – está em causa nesse já-dito “arriscado” no jogo interlocutivo: já que longe de que o outro lugar convocado receba um estatuto de acréscimo ornamental, é em profundidade que o sentido do dizer se “compõe” com, se produz nessa exterioridade – e isso, não somente na intertextualidade literária, ricamente estudada, mas em todos os discursos, escritos ou orais, e nos mais “comuns”.

É a incerteza de que o fato interlocutivo-interdiscursivo da alusão coloca no coração do sentido: no *acaso* do encontro de memórias interdiscursivas que,

por próximas que sejam culturalmente, socialmente, permanecem irredutivelmente dessemelhantes porque subjetivamente singulares; na incerteza interpretativa, para R, a ser reconhecida no dizer de L, um já dito, como empréstimo deliberado, reminiscência involuntária, enfim acaso³⁰; na instabilidade subjetiva da memória interdiscursiva experimentada pelo interlocutor que percebe de repente num texto um já-dito que, no entanto, presente em sua memória, tinha fica “desativado” até então; na experiência do papel imperioso das memórias interdiscursivas no encontro interlocutivo das quais se produz o sentido, em seu alhures – face às tentações de cálculo intratextual do sentido³¹.

O que a alusão intencional põe em evidência – o risco do sentido no alhures do encontro interlocutivo das memórias interdiscursivas – é, sob as formas de um risco escolhido, pontualmente, apenas a forma saliente, isolável do risco inerente ao dizer e ao sentido em geral: em toda palavra enunciada e recebida, carregada de já-dito, uma dimensão de *alusividade*, articulando endereço interlocutivo e exterioridade interdiscursiva, inscreve o risco do sentido.

3.2 O interdiscurso não marcado: um risco interlocutivo sofrido pelo L

Com o risco, para o enunciador, de que seja desconhecido o já-dito que ele convoca em seu dizer, responde aquele ao qual ele se expõe na relação interlocutiva: que o interlocutor reconheça no seu dizer um dito em outro lugar do qual ele ignorava – e frequentemente rejeita – a presença. Pelo fato de que todas as palavras “são carregadas do passado de sua vida de palavra” e ressoam como tais na memória interdiscursiva do outro, nenhum falante, nunca, está “protegido” daquilo que esse outro percebe de exterior, de “vindo de outro lugar”, de tomado emprestado, nas palavras dele.

O risco escolhido da alusão é o de uma perda, a da espessura de dialogismo com o exterior, com o qual o dizer se enriquece; o risco sofrido, é o de uma escuta que, fazendo, desde sua memória interdiscursiva, surgir do outro, exterior, em um dizer que se dá como “um”,

²⁹ Analisada com felicidade por J. Lefèbvre (2007).

³⁰ dos quais todos os *talvez* modalizando a atualização, para o leitor, na edição erudita de um texto literário, teórico..., alusões que ele esconde, são o eco...

³¹ Cf por exemplo a tentação recorrente para o leitores de (26) de atribuir “co-textualmente” os fragmentos entre aspas aos nomes próprios vizinhos, preenchendo o mal-estar do silêncio da memória por um erro; do mesmo modo, em Nolke et al. (2004, p.77-82) a discussão do valor enunciativo de um sintagma entre aspas em Proust, “estrelas novas”, levada ao plano da frase em termos de elementos co-textuais, perde sua consistência quando se produz o encontro – não possível de prever, aleatório, ... – das memórias interdiscursivas que permitem reconhecer com segurança um empréstimo às últimas palavras do poema de Hérédia *Les Conquérants*.

torna-se violência para ele, como um fechamento. Qualquer que seja o modo pelo qual se representa esse jogo interlocutivo com o interdiscurso – conflitual ou cúmplice – há sempre na “recepção exteriorizante” de R alguma coisa do forçar um desvelamento, desmascaramento, desmistificação, operado sobre o dizer de L; e, para L, a experiência, frequentemente aguda, uma perda de posse do domínio que – ao modo de uma necessária ilusão – ele reivindica sobre sua fala: R “deporta” o dizer de L fora de sua intencionalidade, exterioriza-o em um mecanismo que lhe escapa, pelo qual, *falando*, o enunciador é levado a se reconhecer como *falado*. A revelação que R faz a L de um alhures de seu dizer – que ele ignorava ou escondia – toma duas formas:

- R revira no dizer de L um *já-dito específico*, relacionando com um terceiro, identificável, cuja presença, pesada de sentido a seus olhos, é recusada por L, e tem a fortiori a intenção de convocá-lo: abre-se um espaço interlocutivo-interdiscursivo de conflito interpretativo, em que, às acusações de avançar mascarado, ou postas em espera de assumir a presença, intencional ou não, desse já-dito que R endereça a L, este responde – entre boa e má fé – denunciando os processos de intenção ou os delírios interpretativos do primeiro. Assim, por exemplo³², no quadro jurídico, (32) ele põe em cena o enfrentamento e uma denegação de um mascaramento de já-dito:

(32) *J.M. Le Pen*: “O senhor Polac é um homem sem humor, seguro dele mesmo e dominador. [... Eles] apresentam a política e os valores fundamentais que eu defendo, como uma derivação do nazismo [...]” *Georges Kiejman, advogado dos acusados interrompe*: “É voluntariamente que o senhor emprega os termos “seguro dele mesmo” e “dominador” que o general de Gaulle tinha utilizado para definir o estado de Israel?” / *Jean-Marie Le Pen* dá uma gargalhada: “Aí está, eis a noção de anti-semitismo introduzida pelo viés de De Gaulle. Não, eu não tinha intenção anti-semita.” [Processo de difamação levantado por J.M.Le Pen a M. Polac et al., CR in *Le Matin*. 4.10. 1984]

enquanto em (33), a difícil tentativa de achados entre dois amigos que a vida – boêmia de um, instalada socialmente do outro – afastou, cujo mo-

vimento vai quebrar-se no... jogo de um já-dito, recebido como ferindo por H1, na palavra de H2, que recusa essa presença, abre sobre o abismo de uma incerteza:

(33) H2: [...] Tu compreendes por que eu insisto tanto nesse lugar. [...] H1: Sim, eu compreendo. H2: Se eu devia não mais rever isso, seria como se, eu não sei,... sim, para mim, tu vês, a vida está aí. [silêncio, depois rápida gargalhada de H1] H2: Mas, o que é que tu tens? H1: A vida está aí, simples e tranquila... A vida está aí, simples e tranquila, é de Verlaine, não é? H2: Sim, é de Verlaine, por quê? H1: De Verlaine, é isso! H2: Não pensei em Verlaine, eu disse que a vida está aí, só isso. H1: Mas a sequência vinha sozinha, bastava continuar. H2: Eu não continuei!... o que é que eu tenho em me defender assim, o que é que há? O que é que te deu? [...] H1: Mas vejamos, não banque o inocente... A vida está aí, simples e tranquila. H2: Primeiro, eu não disse isso. Implicitamente. E não é a primeira vez... [...] É nisso que tu te agarras, ao abrigo de nossos olhares sujos, sob a proteção dos grandes Verlaine. H2: eu te repito que não pensei em Verlaine. H1: Bom, de acordo, vamos admitir, está bem, mas tu hás de reconhecer que com a paredezinha, o teto, o céu por cima do teto, estávamos satisfeitos. H2: Onde? H1: Ora, na Poética. A Poesia! [...] [N. Sarraute, *Pour un oui ou pour un non*].

- R que ouve o repetido no dizer de L, *deslegítima este como fonte* de sua fala, fazendo pesar sobre ele a acusação ou a suspeita de *plágio*, isto é, de fazer passar de modo fraudulento como seu o que é do outro, como nas réplicas *i, j, k* de (34):

(34) Ela_i: [...] há algo intolerável no casamento, é o sentimento tranquilo da posse.
Ele_j: Isso é idéia tua?
Ela_k: Poderia ser de outro, mas é meu. Ora essa.
Ele_i: (docemente): Tá vendo, é isso. Em seguida: “Imagina”. O tom irritado, a caretinha de lado, o modo pátio de recreio. Meninas. Meninas num pátio de recreio, precisamente.
Ele_m: Porque, com os rapazes é diferente? [D. Sallenave, *Conversations conjugales*, ch15]

ou no “Não é ideia minha”, prevenindo essa recepção que retira a posse de uma afirmação enunciada sob a forma de máxima em uma carta de tom direto de outro lugar:

(35) O Coronel Chefe do Serviço ao Senhor Émile Loiseau [...] Meu caro Amigo, que isso fique entre nós. [...] Maxime – quando a afetação de um sentimento torna-se constante, exagerada e perturbadora para o próximo, que o próximo seja indulgente. Não pode tratar-se de um esforço desesperado para escapar do sentimento

³² Remeto (cf Authier-Revuz (1995) 6.3.8.2.1. “Denunciar o passado discursivo das palavras”, entre a estratégia de astúcia e indecisão, à polémica desencadeada em 1985 por uma declaração – hipocritamente inocente? – de R. Barre comportando “Nós somos a favor do trabalho. Nós somos a favor da família. Nós somos a favor da pátria”, ouvido como evocação positiva dos valores do Estado Francês sob a ocupação por numerosos comentaristas, apesar da asserção explícita de “não nostalgia” (“Não queremos um retorno a um passado [...]”) que a acompanhava.

contrário. (Não. É meu) / Mimile, eu me pergunto onde você está com a cabeça. [P. Nord, *Les rendez-vous d'Ukraine*, 1970, p. 327-328]

- de *recitação-ensaio* mecânico de um dizer pronto do qual L não é mais do que um suporte ventrílogo:
- (36) – Então, o que se passa no hospital? – Eles estão destruindo o serviço público de saúde, pondo no lugar uma saúde com duas velocidades, para os ricos e para os pobres. – Oh! escuta, não são teus panfletos que eu te peço, é tua experiência, tu que gostas de teu trabalho, porque tu pensas que as coisas vão mal... [conversação entre duas amigas, uma das quais é enfermeira, após manifestações, abril 2009]
- (37) – Faz muito tempo que tu és anticolonialista? – Desde que eu penso, graças a Jean Genêt [...] ele o convenceria [...] – Me surpreenderia se ele pudesse me convencer? Quando se está nesse negócio e que se nasceu aí, é complicado. – São desculpas sentimentais de pequena burguesia. É preciso escolher seu campo./ As frases não são dela. É evidente pelo som de sua voz. Ela as repete como um catecismo, com a segurança de uma convertida. Isso me faz rir. [Louis Gardel, *La baie d'Alger*. Seuil, 2007]
- em *conformidade* (conformismo) com um tipo – uma variedade – em que se absorve a singularidade de L, reduz ao estatuto de representante do tipo, como nas últimas réplicas de k, l, m de (34), ou *Ele* continua a zombaria – retirando a posse – dos modos de dizer do outro, que lhe evita responder sobre o fundo, ou em:
- (38) – É alguém que não tem compaixão – Eu prefiro quando tu não falas budista! – Não é budista! E como é que tu dirias? [Conv. Junho 2008]

Vê-se que, em todos os casos, a um E que enuncia “P”, R responde: “tu falas como...” procurando primeiro significar que essa palavra que ele enuncia como sua não lhe “pertence” propriamente, mas tem relação com outro lugar. Nesses pontos em que a troca traz problema é a tranquila posse de nossas palavras que é questionada; não há palavras que “não pertençam a ninguém”, lembra Bakhtin, quer dizer que o risco sofrido pelo dizer de ser percebido no já-dito independentemente da consciência que o enunciador tem é um perigo permanente, inerente à relação interlocutiva.

Ao final deste exame, pode-se notar que, além dessas figuras “simples” em que de modo saliente se ligam os dialogismos interlocutivo e interdiscursivo – em emergências de sua permanente interação constitutiva do dizer – o campo é rico de incidências cruzadas *mais*

complexas: contentar-nos-emos com evocar uma, frequente nas trocas comuns – e essencial no dispositivo psicanalítico – aquela da *auto-recepção* por L de um *já-dito*, não intencional, de seu próprio dizer, em *situação interlocutiva*.

Assim, nesse enunciado que retorna ao que se pode chamar um “lapso interdiscursivo” – em que se ouve um já-dito tão imperiosamente sobrevivendo quanto ele é malvindo – pronunciado por uma candidata em um concurso de recrutamento, posta em dificuldade pela banca a respeito de sua interpretação de *La route de Flandres* de C. Simon como portadora de uma “mensagem progressista” apelando para uma transformação do mundo” e que, desejosa de conceder, apesar de sua convicção espontânea, a um certo pessimismo na visão do outro, toma emprestadas – sem ter consciência disso em um primeiro momento – as palavras de ... a *Internacional* que, dirigidas a esses interlocutores, se voltam contra ela, com sua “sequência” no já-dito: “... em pé! em pé! O mundo vai trocar de base, etc.”

- (39) É verdade que Claude Simon faz tábula rasa do passado... enfim, não é talvez a palavra que convém, não sobra muita coisa sólida [Oral de concurso para seleção de professores de letras, novembro 98].

Referências

- AUTHIER, J. La mise en scène de la communication dans des textes de vulgarisation scientifique. *Langue française*, n. 53, p. 34-47, 1982a.
- AUTHIER-REVUZ, J. Hétérogénéité montréalaise et hétérogénéité constitutive, éléments pour une approche de l'autre dans le discours. *DRLAV*, n. 26, p. 91-151, 1982b.
- AUTHIER-REVUZ, J. Hétérogénéités énonciatives. *Langages*, n. 73, p. 98-111, 1984.
- AUTHIER-REVUZ, J. *Ces mots qui ne vont pas de soi: boucles réflexives et non-coïncidences du dire*. Paris: Larousse, 1995. 2 v.
- AUTHIER-REVUZ, J. Arrêts sur mots, in Fenoglio, Irène (Ed.). *L'écriture et le souci de la langue*. Louvain la Neuve: Academia-Bruylant, 2007. p. 113-145.
- BAKHTINE, M. Du discours romanesque. In: *Esthétique et théorie du roman*. Trad. française. Paris: Gallimard, 1978.
- BARTHES, R. Préface à F. Flahaut. *La parole intermédiaire*. Paris: Seuil, 1978.
- BARTHES, R. L'obvie et l'obtus. In: *Essais critiques III*. Paris: Seuil, 1982.
- BRES J.; NOWAKOWSKA, A. J'exagère? Du dialogisme interlocutif. In: BIRKELUND, M.; MOSEGAARD-HANSEN, M.; NORÉN, C. (Éds.). *L'énonciation dans tous ses états*. Bern: Peter Lang, 2008.
- COURTINE, J.J. Analyse du discours politique. *Langages*, n. 62, p. 9-128, 1981.

DETRIE, C.; SIBLOT, P.; VERINE, B. *Termes et concepts pour l'analyse de discours*. Paris: Champion, 2001.

JAKOBSON, R. *Essais de linguistique générale*. Paris: Minuit, 1963.

LACAN, J. *Ecrits*. Paris: Seuil, 1966.

LEFEBVRE, J. *La note comme greffe typographique: étude linguistique et discursive*. Thèse (Doctorat) – Université Paris 3, Sorbonne Nouvelle, 2007.

MALDIDIER, D. *L'inquiétude du discours*; textes de Michel Pécheux, choisis et présentés par D. Maldidier. Paris: Editions des Cendres, 1990.

NØLKE, H.; FLØTTUM, K.; NOREN, C. *ScaPoLine – La théorie scandinave de la polyphonie linguistique*. Paris: Ed. Kimé, 2004.

PECHEUX, M. *Les vérités de La Palice*: linguistique, sémantique, philosophie. Paris: Maspero, 1975.

SCHNEIDER, M. *Voleurs de mot*; essai sur le plagiat, la psychanalyse et la pensée. Paris: Gallimard. Collection Connaissance de l'inconscient, 1985.

SITRI, F. *L'objet du débat*; La construction des objets de discours dans des situations argumentatives orales. Paris: Presses de la Sorbonne Nouvelle, 2003.

TODOROV, T. *Mikhail Bakhtine*: le principe dialogique – Ecrits du cercle de Bakhtine. Paris: Seuil, 1981.

VOLOSHINOV, V.N. *Marksizm I filosofia jazyka*, Leningrad, 1929. [Cité dans la traduction française. BAKHTINE, M. (V.N. Voloshinov). *Le marxisme et la philosophie du langage*. Paris: Minuit, 1977.]

Recebido: 06 de dezembro de 2010

Aprovado: 20 de dezembro de 2010

Contato: jacqueline.authier-revuz@univ-paris3.fr